

A virada de gênero nos estudos sobre o trabalho

The gender turn in labor studies

Teresa Cristina Novaes Marques*

Resenha: ANDÚJAR, Andrea; CARUSO, Laura; PALERMO, Silvana (comp.). **Género, trabajo y política.** Experiencia, sociabilidad y protesta en la Argentina del siglo XX. Buenos Aires: Imago Mundi, 2022.

Palavras-chave: gênero; identidade laboral; resistência política.

Keywords: Gender; Labor identity; Political resistance.

O LIVRO *Género, trabajo y política* foi publicado pela editora Imago Mundi, sediada em Buenos Aires, no ano de 2022. A obra foi organizada por conhecidas pesquisadoras da história de gênero e do mundo do trabalho na Argentina: Andrea Andújar, Laura Caruso e Silvana Palermo. Reúne oito capítulos que discutem o peso das relações de gênero na construção das identidades laborais de trabalhadores e trabalhadoras e nas formas de resistência obreira em mais de uma região daquele país, e sob diferentes contextos históricos.

É uma obra coletiva, fruto da interação intelectual de um grupo de pesquisa, cujos laços foram construídos, em alguns casos, a partir de relações acadêmicas de supervisão de teses, e pela interação construída a partir de reuniões periódicas em que os colaboradores e colaboradoras discutiram os resultados parciais de suas investigações. Ao todo, os participantes dessa obra mantêm-se em contato há uma década.

Antes de analisar com mais detalhe a proposta historiográfica que fundamenta as contribuições integradas no livro, destaco o formato escolhido para tornar público o esforço coletivo para produzir conhecimento a respeito de setores da classe trabalhadora argentina ao longo do século XX. Ora, assim como pesquisadores brasileiros seguem o sistema de

* Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: tcnmarques@unb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8452-6725>.

avaliação científica da Capes, pesquisadores argentinos seguem as diretrizes da entidade Conicet. Ambas agências estatais conferem menor valor a coletâneas de trabalhos de autores comparativamente à publicação de artigos em periódicos e livros autorais. Alega-se que o propósito dessa política é evitar publicações endógenas. Ainda assim, o grupo optou pelo formato do livro coletivo. Por quê? Talvez, para tornar perene nas estantes o registro dos exercícios de pesquisa, ao invés de correr o risco de os trabalhos se dispersarem no mundo virtual, cujas ferramentas de busca não têm a mesma sensibilidade para capturar trabalhos redigidos em outras línguas que não o inglês.

Se o formato escolhido contraria uma diretriz da política científica, tem o mérito de oferecer ao público leitor um apanhado robusto de pesquisas sobre os trabalhadores argentinos, investigados a partir de questões renovadas. As organizadoras do livro definem a proposta de leitura das experiências dos trabalhadores a partir do entrecruzamento de representações de gênero, idade e etnicidade com situações de classe.

Reconhecidamente, existe uma tradição secular de estudos sobre a classe trabalhadora argentina. Os participantes desse projeto se beneficiam de décadas de estudos gerais sobre o mundo do trabalho daquele país, além de numerosos estudos monográficos sobre categorias funcionais. Um artigo da pesquisadora Ludmilla Scheinkman, citado no livro, comprova, ao realizar um amplo balanço das linhas interpretativas sobre o trabalho na Argentina, o vigor da produção historiográfica. Cientes disso, as organizadoras do livro propõem, ousadamente, tomar a identidade de gênero como o fator explicativo do comportamento laboral e não o inverso, como é usual.

Ao fazer essa escolha, as organizadoras se afastam de duas abordagens recorrentes nos estudos sobre o trabalho, que por vezes se entrecruzam. Por um lado, há estudos que enfatizam que as mulheres pobres sempre estiveram no mundo do trabalho e, portanto, cabe ao historiador preencher a lacuna existente nesse campo de estudos. Ao destacar o ativismo e a presença persistente de mulheres em atividades laborais, tal forma de abordar o emprego de mulheres em ocupações remuneradas integra-se ao campo da história das mulheres.

Por outro lado, ainda ecoam as formulações do historiador britânico E. P. Thompson, para quem a consciência de classe deriva da experiência partilhada pelo exercício continuado de um ofício. A concepção de classe de Thompson, que já foi objeto de numerosas reconsiderações, sustenta-se sobre indivíduos ideais que participam regularmente do mundo do trabalho, mas não considera a formação complexa da identidade de mulheres, uma vez que elas se desdobram para exercer simultaneamente papéis de reprodutoras sociais e de trabalhadoras. Por consequência, sua integração no mundo do trabalho é instável e, por vezes, intermitente. Outrossim, ao invocar o conceito de gênero, o livro abre a perspectiva para pensar que as representações de gênero dominam a distribuição de ocupações entre homens e mulheres, confinando estas últimas em trabalhos de menor remuneração e que recebem menor estima social. Desse modo, o viés ideológico dos contratadores, sustentado

pelas representações dos papéis de gênero, oferece diferentes oportunidades para homens e mulheres e, por consequência, interfere no ambiente de formação da identidade laboral.

É sabido que, também na Argentina, a obra de E. P. Thompson teve grande difusão nos anos 1970 e 1980. Animada pela perspectiva thompsoniana de reconstituir a experiência dos trabalhadores, fruto de lutas conduzidas coletivamente, a pesquisadora Mirta Lobato, de uma geração anterior a Caruso, Palermo e Andújar, e formadora de numerosos investigadores argentinos, explorou o ativismo obreiro protagonizado por mulheres. Era uma forma de retirar do esquecimento as lutas de mulheres trabalhadoras, entender a sua trama e criticar a narrativa historiográfica centrada na experiência política e laboral masculina.

Tal linha de investigação teve ampla acolhida e alimentou a historiografia sobre as mulheres trabalhadoras na Argentina. À mesma época, começavam a surgir críticas às premissas de trabalho do próprio Thompson e à forma como este autor representou as mulheres na classe trabalhadora inglesa na sua formação. Para pesquisadoras como Joan Scott, não parecia ser suficiente lançar luz sobre a atuação de pessoas comuns, ainda que se tratasse de mulheres.¹ Sustenta Scott que o processo de contratação dos trabalhadores resulta em experiências laborais distintas para homens e mulheres. Significa dizer que as discriminações que as mulheres sofrem ao buscarem se integrar no mundo do trabalho acarretam diferentes vivências. Nisso estariam incluídos problemas mal esboçados por Thompson, a exemplo da autoimagem de trabalhadores homens e de mulheres. Como as mulheres se repartem entre cuidadoras dos entes familiares e trabalhadoras, além de estarem confinadas em ofícios pouco valorizados, não têm oportunidade para desenvolver a sua identidade laboral como fazem os homens.

Ao se levar em consideração os duplos padrões de comportamento que afligem as mulheres, não bastaria preencher as lacunas de informação da historiografia do trabalho recuperando o ativismo de líderes notáveis, por mais importante que seja cultivar a memória social. Essa operação estaria limitada aos parâmetros da história das mulheres e pouco diria sobre os percalços que as mulheres enfrentam para se integrar no mundo do trabalho, um mundo vincado por discriminações de gênero.

Eis porque as organizadoras da obra *Género, trabajo y política* procuraram abordar a diversidade de situações vividas evitando a tentação de oferecer um catálogo de casos particulares. As organizadoras propõem que os autores dos capítulos explorem de que maneiras o exercício profissional reforçou os papéis de gênero. Ao abandonar a dicotomia entre homens e mulheres e apoiando-se no conceito de gênero, o livro desvenda situações em que a identidade masculina foi construída a partir da oportunidade que os homens dispuseram para exercer ofícios valorizados em termos de remuneração e por estarem associados a virtudes viris – força, habilidade, destreza, agilidade, exposição ao público. Em contraponto, a identidade das trabalhadoras foi construída a partir de atributos associados ao feminino, como delicadeza, fraqueza física e recato.

1 SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

Ainda que os capítulos que se debruçam sobre as categorias dos ferroviários, dos trabalhadores portuários e dos trabalhadores em serviços de hotéis reconheçam a presença de mulheres nesses setores, tais categorias eram dominadas por homens. Como as ocupações essenciais para o funcionamento das atividades eram exercidas, sobremaneira, por trabalhadores homens, eles eram objeto de discursos positivos na imprensa, algo que nutria a identidade sexual masculina. A masculinidade acentuada surge, então, como um atributo necessário para o exercício de certas funções laborais de maior valor social. O livro lança luz sobre o problema das segregações sexuais que regiam a distribuição das oportunidades de trabalho entre homens e mulheres, a confinar usualmente as mulheres em funções socialmente aceitáveis, ainda que menos valorizadas no cômputo da riqueza social.

Um mesmo setor, por exemplo, revelou uma peculiar distribuição de ocupações entre trabalhadores e trabalhadoras conforme o grau de exposição ao público. Trata-se do setor hoteleiro, abordado no capítulo assinado por Débora Garazi. Eis um exemplo, entre vários no livro, de leitura historiográfica que incorpora questionamentos de teóricos culturais, em uma feliz aplicação da lente das relações de gênero sobre problemas usuais da história social – duração de jornada, rendimentos, habilidades requeridas para o exercício funcional, distribuição de oportunidades pelo critério etário e etnográfico, entre outros.

Nesse, como em outros capítulos, percebe-se o uso profícuo de ferramentas conceituais de importantes cientistas sociais do nosso tempo, a exemplo de Bourdieu, Joan Scott, Nancy Fraser, sem que, no entanto, o livro resulte em exercícios estéreis de apropriação instrumental de conceitos descolados dos problemas históricos sob exame. A maior parte dos autores que contribuem para a coletânea faz uso desses conceitos sem jamais sobrepujar a dinâmica histórica que emerge das fontes consultadas. Os exercícios historiográficos revelam rigoroso controle sobre as circunstâncias históricas específicas da sociedade argentina ao longo do século em estudo. Desde a convivência entre as lutas dos trabalhadores e o Estado corporativo argentino em meados do século XX até as recentes repercussões do processo de desindustrialização sobre os horizontes laborais, o livro oferece um panorama de situações vividas por trabalhadores a cada momento da história contemporânea da Argentina.

O primeiro capítulo, assinado por Laura Caruso, define o tom dos demais capítulos ao explorar a masculinidade dos trabalhadores portuários em Buenos Aires. Seguindo a inspiração de Caruso, Silvana Palermo toma o mesmo problema da identidade sexual como parte constitutiva da autoimagem dos trabalhadores no sistema ferroviário. Os demais capítulos tratam da vida comunitária em um amplo bairro popular de Buenos Aires, a Villa Devoto, discutem como as tramas comunitárias fortalecem as ações de resistência –greves e a frequência a espaços de debate– em momentos diferentes da história política argentina, e aportam a teoria interseccional como chave de leitura de movimentos políticos protagonizados por mulheres no ambiente laboral do porto da capital.

No seu conjunto, o livro oferece questões instigantes e pontos de observação inusitados de temas já tratados na historiografia do trabalho. A proposta traz frescor para esse campo de estudos e, certamente, pode inspirar exercícios semelhantes sobre o caso brasileiro. É impecável? Não. Em alguns capítulos, tem-se a sensação de que faltam explorar as relações entre o movimento de trabalhadores e a macropolítica, especialmente o sistema partidário argentino. Em outros, faltam considerações metodológicas sobre a forma de ler os periódicos que subsidiam a análise. Por exemplo, no capítulo sobre hotelaria, Garazi lança mão de entrevistas, o que é um recurso muito válido para abordar o objeto que a autora explora: a construção da identidade dos(as) trabalhadores(as). Ainda assim, seria interessante informar as circunstâncias nas quais as conversas se deram e, desse modo, esclarecer a metodologia adotada.

Se o livro *Género, trabajo y política* tem problemas de execução em certos detalhes, o resultado os supera. Pode-se atribuir as dificuldades enfrentadas por alguns(algumas) dos(as) autores(as) que contribuem com a obra ao próprio campo de estudos da história do trabalho sob viés de gênero, que está em construção. Nisso, o livro é ousado e oferece saídas teóricas instigantes. Os profissionais da História no Brasil muito se beneficiariam do contato com a obra e, assim, poderiam estreitar o diálogo acadêmico com nossos(as) colegas argentinos(as).

Recebido em: 17/10/2023

Aprovado em: 30/10/2023